

RELATO DE EXPERIÊNCIA / EXPERIENCE REPORT

Área temática: Formação de Professores e Práticas Pedagógicas

VIVÊNCIAS AMAZÔNICAS: EDUCAÇÃO MUSEOLÓGICA E EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS NO MUSEU SACACA DURANTE O VIII ENNEABI EM MACAPÁ/AP

AMAZONIC EXPERIENCES: MUSEOLOGICAL EDUCATION AND FORMATIVE PRACTICES AT THE SACACA MUSEUM DURING THE VIII ENNEABI IN MACAPÁ/AP

João Vitor dos Santos Ramos^{1*}, Tais Carolane Souza Almeida², Fernanda da Silva Santos³, Camila Vitoria Costa Ferreira⁴, Daniela da Silva Aires⁵, Rayany Silva Santos⁶, Daniele de Brito Trindade⁷

¹ Licenciando em Ciências Biológicas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, *Campus Guanambi*. *Autor correspondente: joavitordsanram@gmail.com.

² Graduanda em Bacharelado em Engenharia Agrônoma pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, *Campus Guanambi*.

³ Licencianda em Ciências Biológicas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – *Campus Guanambi*.

⁴ Licencianda em Ciências Biológicas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – *Campus Guanambi*.

⁵ Graduanda em Tecnologia em Agroindústria pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, *Campus Guanambi*.

⁶ Graduanda em Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, *Campus Guanambi*.

⁷ Doutora em Estatística pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, *Campus Guanambi*.

Recebido: 05/10/2025 - Revisado: 02/03/2026 - Aceito: 05/05/2026 - Publicado: 09/05/2026

RESUMO: Entre os dias 4 e 6 de junho de 2025, estudantes vinculados ao Grupo de Pesquisa HAFROQI – História, Memória e Identidade Afro-Brasileira, Quilombola e Indígena, do Instituto Federal Baiano – Campus Guanambi, participaram do VIII Encontro Nacional dos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (ENNEABI) e do I Simpósio de Educação Antirracista e Políticas Afirmativas do ProfEPT-IFAP, realizados em Macapá/AP. Após o encerramento dos eventos, o grupo permaneceu por mais dois dias na cidade, em razão da logística de retorno, e realizou, em 7 de junho de 2025, uma visita autônoma ao Museu Sacaca, com o objetivo de ampliar a vivência cultural e ambiental na Amazônia. A visita, inicialmente planejada como passeio turístico, rapidamente se transformou em uma experiência educativa e sensível, permitindo o contato direto com a biodiversidade amazônica e com os modos de vida tradicionais da região. Durante a visita, elementos simbólicos como a Sumaúma, o tanque com jabutis, o fóssil de baleia-jubarte e o espaço de animais fixados despertaram reflexões sobre ancestralidade, sustentabilidade e educação ambiental. Reconhecido por sua atuação dentro da Nova Museologia, o Museu Sacaca revelou-se um território pedagógico e decolonial, no qual ciência, cultura e natureza coexistem em diálogo. Essa experiência evidenciou que os museus, especialmente os de base natural e etnográfica, constituem-se como espaços vivos de aprendizagem, memória e resistência cultural, fortalecendo o compromisso do HAFROQI com uma educação transformadora, crítica e antirracista, capaz de articular saberes acadêmicos, comunitários e tradicionais.

Palavras-Chave: Biodiversidade amazônica. Ancestralidade. Nova Museologia.



Educação ambiental. Interculturalidade.

ABSTRACT: Between June 4 and 6, 2025, students affiliated with the HAFROQI Research Group – History, Memory, and Afro-Brazilian, Quilombola, and Indigenous Identity, from the Instituto Federal Baiano – Campus Guanambi, participated in the VIII National Meeting of Afro-Brazilian and Indigenous Studies Centers (ENNEABI) and the I Symposium on Antiracist Education and Affirmative Policies of ProfEPT-IFAP, held in Macapá, Amapá. After the conclusion of these events, the group remained in the city for two additional days due to return logistics and, on June 7, 2025, carried out an autonomous visit to the Museu Sacaca with the aim of expanding their cultural and environmental experience in the Amazon. Initially planned as a tourist visit, it quickly evolved into an educational and immersive experience, allowing direct contact with the Amazonian biodiversity and the traditional ways of life of the region. During the visit, symbolic elements such as the Sumaúma tree, the tortoise pond, the humpback whale fossil, and the taxidermy display prompted reflections on ancestry, sustainability, and environmental education. Recognized for its role within the New Museology, the Museu Sacaca proved to be a pedagogical and decolonial space, where science, culture, and nature coexist in dialogue. This experience demonstrated that museums, especially those of a natural and ethnographic basis, constitute living spaces for learning, memory, and cultural resistance, reinforcing HAFROQI's commitment to a transformative, critical, and antiracist education capable of articulating academic, community, and traditional knowledge.

Keywords: Amazonian biodiversity. Ancestry. New Museology. Environmental education. Interculturality.

INTRODUÇÃO

A educação museológica tem se consolidado como um campo de práticas e reflexões que ultrapassa os limites físicos dos museus, promovendo o diálogo entre memória, identidade e formação cidadã. Ela propõe uma aprendizagem ativa e significativa, que valoriza as experiências, os saberes locais e o patrimônio cultural como instrumentos de construção do conhecimento.

Nesse contexto, as experiências formativas associadas à educação museológica possibilitam a integração entre ensino, pesquisa e extensão, estimulando a sensibilização para a diversidade cultural e o fortalecimento das identidades coletivas. Assim, compreender o papel educativo dos museus e das ações museológicas no espaço acadêmico e comunitário é fundamental para fomentar uma educação crítica, plural e comprometida com a valorização das histórias e memórias dos povos afro-brasileiros, indígenas e quilombolas.





Durante os dias 4 e 6 de junho de 2025, seis discentes do Grupo de Pesquisa HAFROQI (História, Memória e Identidade Afro-Brasileira, Quilombola e Indígena do Sertão Produtivo), vinculado ao Instituto Federal Baiano - *Campus Guanambi*, participaram do VIII Encontro Nacional dos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (ENNEABI) e no I Simpósio de Educação Antirracista e Políticas Afirmativas do ProfEPT-IFAP, realizados em Macapá/AP.

O ENNEABI, em sua oitava edição, consolidou-se como um espaço de formação, resistência e construção coletiva de saberes, reunindo participantes de diferentes regiões do país em torno da valorização das identidades afro-brasileiras e indígenas, corroborando com Silva e Monteiro (2023, p. 6), que afirmam o evento como “um território de produção coletiva de saberes e de articulação política em prol da igualdade racial e da justiça social”.

Os discentes tiveram onze trabalhos aprovados, sendo seis pôsteres e cinco comunicações orais, que abordaram temáticas voltadas à educação antirracista, ancestralidade, sustentabilidade e práticas decoloniais. Sob a supervisão da professora orientadora, os estudantes e pesquisadores compartilharam experiências de ensino, pesquisa e extensão que reafirmam o compromisso do grupo com uma educação libertadora, intercultural e territorializada.

Encerradas as atividades do evento, o grupo permaneceu por mais dois dias na capital amapaense devido a ajustes logísticos para o retorno à Bahia. Nesse intervalo, em 7 de junho de 2025, os integrantes realizaram uma visita autônoma ao Museu Sacaca, espaço amplamente reconhecido por sua relevância cultural, científica e ambiental. O que a princípio se configurava como um passeio turístico acabou se transformando em uma vivência educativa e sensível, marcada pelo contato direto com a natureza, a história e os saberes tradicionais amazônicos. Essa experiência ampliou o olhar formativo do grupo, conectando os princípios da educação museológica à valorização das culturas locais e à reflexão sobre a diversidade dos territórios brasileiros.

Diante desse contexto, o objetivo deste relato de experiência é descrever e refletir sobre a vivência educativa e sensível dos discentes do Grupo de





Pesquisa HAFROQI no Museu Sacaca, em Macapá/AP, evidenciando como a visita contribuiu para o fortalecimento da formação acadêmica, cultural e humana dos participantes. Busca-se, assim, compreender de que forma o contato com os espaços museológicos e com os saberes tradicionais amazônicos pode ampliar a perspectiva da educação museológica, articulando memória, identidade e diversidade cultural como fundamentos para uma prática educativa crítica e decolonial.

CONTEXTO

O Museu Sacaca (Figura 1 - esquerda), vinculado ao Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (IEPA), é um espaço emblemático da museologia amazônica. Criado com base nos princípios da Nova Museologia, o museu propõe a integração entre comunidade, território e conhecimento científico, possibilitando que o visitante vivencie, de forma interativa, as relações entre natureza, cultura e sociedade (Ribeiro, 2013).

Figura 1. Entrada do museu Sacaca (esquerda) e Membros do grupo HAFROQI no Museu Sacaca, Macapá (AP), 2025.



Fonte: Cleide Freires, 2025



Fonte: Acervo pessoal dos autores, 2025.

Durante a permanência em Macapá, os membros do grupo de pesquisa HAFROQI decidiram conhecer o museu Sacaca como forma de ampliar a experiência cultural e ambiental adquirida no ENNEABI (Figura 1 - direita). A visita permitiu compreender, na prática, os conceitos de educação museológica e ambiental, ao colocar os visitantes em contato com a biodiversidade e com os modos de vida tradicionais da Amazônia.





O espaço expositivo, estruturado a céu aberto, recria o cotidiano das populações ribeirinhas e indígenas da região. Entre os principais ambientes visitados estavam as Casas dos Ribeirinhos, das Parteiros, dos Castanheiros e dos Povos Indígenas, além do Barco Regatão e da Casa da Farinha, onde se destacam saberes sobre o trabalho comunitário e a produção alimentar

A Sumaúma (Figura 2 - esquerda), árvore sagrada que domina o centro do museu, foi um dos marcos simbólicos da visita, representando a força da floresta e a ancestralidade da vida amazônica. O tanque natural com jabutis (Figura 2 - centro), o fóssil da baleia-jubarte (Figura 2 - direita) e o espaço de animais fixados complementaram o percurso, despertando reflexões sobre preservação ambiental, biodiversidade e memória ecológica.

Figura 2. Pontos do Museu Sacaca: Sumaúma (esquerda), tanque com jabutis (centro) e fóssil da baleia-jubarte (direita). Macapá (AP), 2025.



Fonte: Acervo pessoal dos autores, 2025.

Essas observações iniciais ampliaram o nosso olhar, preparando-os para uma compreensão mais profunda do papel educativo e reflexivo do museu. O Museu Sacaca não apenas apresenta espécies e ambientes, mas também evoca a responsabilidade de reconhecer o papel humano na manutenção da vida.

O tanque com jabutis, em sua grandeza ao revelar a diversidade de organismos de uma mesma espécie; o fóssil da baleia-jubarte, que expressa a magnitude da fauna; e o espaço dos animais fixados, que aproxima ainda mais os discentes da biologia do ambiente, despertaram uma compreensão ampliada sobre o tempo ecológico e sobre os impactos das ações antrópicas, isto é, das





ações humanas sobre a natureza e os ecossistemas, ao evidenciar as consequências do ato de “não preservar”.

A Sumaúma, é uma árvore monumental, com sua esplêndida grandeza, dominando o centro do museu, ela simboliza o elo entre o espiritual e o ambiental, lembrando que preservar a natureza é preservar a memória dos povos que dela dependem. Para os indígenas, a Sumaúma é reconhecida como “Mãe das Árvores” ou “Rainha da Floresta” devido ao seu múltiplo uso em diversas finalidades diferentes.

Essa experiência reforçou a importância de uma educação biocêntrica, esta que entende a vida em todas as suas formas como patrimônio coletivo e sagrado, principalmente ao se tratar de um espaço vasto como o do bioma amazônico.

Como observa Ferreira (2010, p. 22), o Museu Sacaca “atua como um laboratório vivo, no qual ciência, tradição e natureza coexistem em harmonia”. Essa concepção dialoga com Pereira (2010, p. 30), para quem a educação museológica “propicia aprendizagens sensíveis e críticas, nas quais o sujeito se reconhece como parte do patrimônio e do território que o cerca”.

Desse modo, o contexto da experiência não se limitou à dimensão turística, mas tornou-se um exercício de formação estética, ambiental e social, em que o grupo pôde vivenciar a Amazônia como espaço de pertencimento, memória e aprendizagem.

DESENVOLVIMENTO

A visita ao Museu Sacaca foi conduzida por educadores locais, que apresentaram as áreas expositivas e narram histórias sobre os povos e ecossistemas amazônicos. O percurso foi marcado pela escuta atenta e pela imersão sensorial, em um ambiente que unia saberes tradicionais e conhecimentos científicos.

Os participantes puderam observar de perto os modos de vida das populações tradicionais, as técnicas de produção artesanal e o uso sustentável dos recursos naturais. A Casa das Parteiras (Figura 3), por exemplo, chamou





atenção pela valorização dos saberes femininos e pela importância do cuidado com a vida.

Figura 3. Casa das parteiras. Macapá (AP), 2025.



Fonte: Acervo pessoal dos autores, 2025.

Este foi um dos espaços que mais despertou emoção e reflexão. Ele homenageia mulheres que, com saberes herdados de suas ancestrais, cuidam da vida com respeito, ervas, rezas e técnicas tradicionais. Ao adentrar esse espaço, foi impossível não reconhecer a força simbólica dessas práticas, muitas vezes marginalizadas pelo conhecimento científico formal. A percepção que emergiu foi de profundo respeito pela sabedoria popular e pelo papel das mulheres na preservação da saúde e da cultura comunitária. A casa revelou que o nascimento, além de um ato biológico, é também um ato espiritual e social, e que a educação científica deve dialogar com esses saberes ancestrais em vez de substituí-los.

Já o Barco Regatão (Figura 4), representa um dos elementos mais marcantes da cultura ribeirinha amazônica. Durante a visita ao Museu Sacaca, tivemos a oportunidade de conhecer de perto essa embarcação histórica e realizar um passeio que proporcionou uma imersão na vivência tradicional dos povos das águas. O Regatão, além de ser um meio de transporte, simboliza um importante espaço de trocas culturais e econômicas, onde o comércio era realizado por meio do escambo, prática que reforçava os laços comunitários entre as populações ribeirinhas.





Figura 4. Interior do barco Regatão. Macapá (AP), 2025.



Fonte: Acervo pessoal dos autores, 2025.

Compreender a cultura ribeirinha foi uma experiência de deslocamento e descoberta. Para quem vem do Sertão Produtivo, onde a vida é marcada pela terra seca, pelo espaço rural e pelas comunidades interioranas, ver uma cultura construída nas águas foi algo fascinante. O barco, símbolo do comércio, da comunicação para além das margens ribeirinhas e da vida comunitária amazônica, mostrou a capacidade humana de adaptar-se aos diferentes ambientes sem perder o sentido de coletividade. Essa vivência revelou a importância de reconhecer as diversas formas de existir e resistir no território brasileiro, e de compreender que a educação ambiental também deve contemplar as relações culturais com o meio natural, seus saberes ancestrais vão muito além de somente “alocar” em um local, eles ultrapassam o biológico, o espiritual. É a conexão viva com a natureza.

Por fim, o momento de mais impacto de fato é o encontro com a imensidão do fóssil de baleia-jubarte (Figura 5). Se deparar com um vestígio biológico de tal tamanho é sentir-se pequeno diante da grandiosidade da vida e do tempo. A estrutura imponente, cuidadosamente preservada, revelava não apenas a anatomia de um mamífero marinho, mas a própria história natural da vida. Como estudante de Biologia, aquele encontro ultrapassou a curiosidade científica: foi um instante de emoção e reverência. Cada osso parecia guardar a memória das águas, do movimento e do som das profundezas oceânicas. Estar diante daquele





esqueleto foi compreender, de forma sensível, o quanto a vida é antiga, complexa e interligada.

Figura 5. Fóssil da Baleia-jubarte. Macapá (AP), 2025.



Fonte: Acervo pessoal dos autores, 2025.

Para Farias Jr. e Simonian (2021, p. 45), os museus amazônicos cumprem a função de “traduzir o território em linguagem pedagógica”, promovendo o diálogo entre cultura, ecologia e cidadania. Essa percepção foi vivenciada pelo grupo de discentes do HAFROQI, que reconheceu na visita ao Museu Sacaca uma extensão prática das temáticas debatidas no VIII ENNEABI, especialmente aquelas ligadas à ancestralidade, sustentabilidade e educação antirracista.

Como afirma Pereira (2010, p. 35), “a educação museal é um exercício de cidadania e sensibilidade, que aproxima o sujeito do patrimônio que o constitui”. Nesse sentido, a experiência no Museu Sacaca reafirmou que educar é também experimentar, sentir e reconhecer o outro, humano ou não humano, como parte de uma mesma rede de vida.

A vivência foi, portanto, um momento de aprendizagem e reconhecimento, em que o grupo pôde refletir sobre o papel dos museus e da Amazônia como espaços de educação viva, de encontro e de transformação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A visita ao Museu Sacaca, realizada após a participação no VIII ENNEABI, consolidou-se como uma experiência formativa singular, unindo educação, ancestralidade e território. O contato com o espaço museológico amazônico





permitiu compreender que a educação ambiental e museológica vai além da observação: ela envolve sensibilidade, escuta e pertencimento.

Os elementos simbólicos, como a Sumaúma, os jabutis e o fóssil da baleia-jubarte, tornaram-se mediadores de reflexão sobre a vida, o equilíbrio ecológico e o respeito à natureza. Para o grupo HAFROQI, a visita representou a materialização da educação decolonial e antirracista, que valoriza os saberes tradicionais e reconhece os museus como territórios de resistência e de produção de conhecimento.

A visita encerrou simbolicamente a jornada do grupo em Macapá, deixando como legado a certeza de que a Amazônia é, em si, um espaço educativo, capaz de ensinar pela presença, pela diversidade e pela ancestralidade que abriga.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à professora, orientadora e coordenadora do Grupo HAFROQI - História, Memória e Identidade Afro-brasileira, Quilombola e Indígena, pelo apoio, incentivo e orientação em todas as etapas deste trabalho. Ao Instituto Federal Baiano - Campus Guanambi, pelo suporte institucional e pela valorização da pesquisa e extensão voltadas à educação antirracista e decolonial. Aos integrantes do HAFROQI, pela parceria, dedicação e troca de saberes que tornaram esta experiência coletiva e transformadora. E a todas as pessoas que contribuíram com apoio e doações, viabilizando a participação no VIII ENNEABI e a visita ao Museu Sacaca, o nosso sincero agradecimento.

REFERÊNCIAS

FARIAS JÚNIOR, J. P.; SIMONIAN, L. T. L. (org.). **História, Arqueologia e Educação Museal**: patrimônio e memórias. Teresina: EDUFPI, 2021. 756 p.

FERREIRA, Núbia Soraya de Almeida. Museu Sacaca: avanços e desafios frente à política cultural de museus do estado do Amapá. 2010. 124 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico ou Profissional em 2010) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2010. Disponível em:

<http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=63847>.

Acesso em: 06 out. 2025.





II CEIF
II CONGRESSO DE EDUCAÇÃO
DO IF BAIANO - CAMPUS GUANAMBI

**NOVAS FRONTEIRAS DA EDUCAÇÃO:
INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS E O FUTURO DA FORMAÇÃO DOCENTE**

📅 21, 22 e 23 de Outubro, a partir de 13h:30min. 📍 IF Baiano - Campus Guanambi

PEREIRA, Marcele Regina Nogueira. Educação museal: entre dimensões e funções educativas: a trajetória da 5ª Seção de Assistência ao Ensino de História Natural do Museu Nacional. 2010. 154 f. **Dissertação** (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2010.

SILVA, A.; MONTEIRO, M. Espaços de formação e resistência no ENNEABI. **Preprints SciELO**, 2023. p. 6.

